

## De presidente, posses e palavrões

FHC

LUCIA HIPPOLITO

Nos últimos dias Fernando Henrique deu três poderosas contribuições para a modernização do presidencialismo brasileiro. Ao empossar Marco Maciel na Presidência com um simples telefonema, abandonou a era da Presidência a vapor e ingressou no século XX. Afinal, nada mais jeca e inútil do que a figura do vice-presidente perfilado sob a escada de um avião, para se despedir de um presidente que, às vezes, passa apenas 24 horas fora do país. E ainda pior: o vice, brincando de presidente, assina uns projetos nada urgentes, visita o torrão natal — inesquecível, a excursão de Paes de Andrade a Mombaça — e é só.

O próximo passo será abolir de vez esta anacrônica transmissão de cargo. Durante a República Velha, quando presidentes viajavam de navio e as comunicações eram precárias, ainda fazia algum sentido empossar o vice. Hoje, com telefone e fax, não há mais a menor necessidade de passar o cargo.

Nos Estados Unidos, matriz do presidencialismo, o presidente jamais passa o cargo quando viaja. Continua governando mesmo a bordo do

avião. Nada acontece, a não ser o aumento da vigilância do Serviço Secreto sobre o vice, que fica quieto no seu canto. Já no Brasil, deve constar de algum livro de recordes a figura folclórica de Ranieri Mazzili, presidente da Câmara, que assumiu 16 vezes a Presidência da República.

A segunda contribuição foi ainda mais interessante: o presidente foi jantar num restaurante de Brasília, sem séquito nem estardalhaço. Parece simples, não? Pois o último a fazer

isso com naturalidade foi João Goulart, ainda no Rio. A simbologia do gesto é evidente: um presidente não é como nós, mas tampouco é muito diferente de nós. Respirar um pouco da realidade, mesmo em Brasília, é sempre melhor do que viver fechado no ambiente rarefeito do palácio, onde puxa-sacos ofegantes expropriam quase todo o oxigênio.

Finalmente, a terceira e igualmente importante contribuição: em audiência com um



Cláudio Duarte/Editoria de Arte

deputado calouro, o presidente disse um palavrão. Há algum tempo o palavrão já é reconhecido nos ambientes mais circunspectos, excetuados, naturalmente, as cerimônias cardinais e os chás das tias mineiras. Como todos nós, presidentes ficam irritados, têm dor de barriga (buchada é fogo) e falam palavrões. Os relatos dos últimos dias de Richard Nixon na Casa Branca fariam corar um frade de pedra, como se dizia antigamente. Ao dizer um palavrão, Fernando Henrique apenas mostrou que é humano. Mal ficou quem trouxe a público o palavrão privado.

Dessacralizar e modernizar a Presidência não é abolir o cerimonial a ponto de se deixar fotografar com modelos sem calcinhas. É sobretudo acabar com um ritual anacrônico, pesado e dispensável, trazer o presidente mais para perto da nação. Juscelino era um homem risonho, extrovertido, "pé-de-valsas", que nunca confundiu o respeito ao cargo com a divinização da pessoa. Mas, com raríssimas exceções, os presidentes brasileiros cuidam mais da forma que do conteúdo, apegando-se a um ritual arcaico e fazendo a mímica de estar governando. Quem sabe, dessacralizando-se a Presidência, Fernando Henrique e seus sucessores possam dedicar-se ao ofício de governar e fazer política, pois é isso que se espera de um presidente da República.

Lucia Hippolito é cientista política.